

RESENHA

NARO, Nancy Priscilla. *A Slave's Place, a Master's World: Fashioning Dependency in Rural Brazil*. London: Continuum, 2000.

MARC JAY HOFFNAGEL*

Em artigo publicado no número especial da *Hispanic American Historical Review*, dedicado ao centenário da Abolição da escravatura no Brasil, Rebecca J. Scott observou que, até então, os historiadores da escravidão e sua erradicação, ao rejeitar a noção simplista de que a abolição representou “o triunfo de virtude moral”, acabaram substituindo-a por uma outra igualmente simplista, segundo a qual, para os ex-escravos, emancipação significou “a troca de um senhor por outro”. Mas, como a mesma historiadora notou, estudos mais recentes abriram novos caminhos que apontam para a conclusão de que “a emancipação nem foi uma libertação transcendental e nem uma trapaça total, mas a ocasião para uma redimensão, dentro de certos limites de relações sociais, econômicas e políticas”.¹

A Slave's Place, A Master's World: Fashioning Dependency in Rural Brazil, de Nancy Priscilla Naro, faz parte deste novo e crescente elenco de estudos sobre a escravidão e sua abolição. Professora de História do Departamento de Estudos Portugueses no Kings College, Londres, e do

Institute of Latin American Studies, na London University, Nancy Naro passou mais de uma década no Brasil como Professora-Adjunta da Universidade Federal Fluminense, onde desenvolveu pesquisas voltadas para a agricultura escravista no Rio de Janeiro, no século XIX. Ultimamente, ela se vem destacando com publicações sobre este tema em várias revistas especializadas no Brasil e no exterior. O livro aqui apresentado tem como foco principal a transição para o trabalho livre em dois municípios do Rio de Janeiro, que apresentam características bastante diferenciadas: Vassouras, um dos mais importantes centros de produção cafeeira, ao longo de grande parte do século XIX, e Rio Bonito, cuja economia agrícola (café e produtos de subsistência) era voltada para o abastecimento de mercados locais e regionais.

Dentro de uma abordagem comparativa, baseada em rigorosa análise de um farto acervo documental, no qual se incluem registros de terra, inventários pós-mortem e processos civis e criminais, a autora recupera o processo de construção de um mercado de trabalho livre na zona rural do Rio de Janeiro. Além de explorar um rico núcleo de fontes primárias, a autora recorre a uma ampla e atualizada bibliografia e consegue estabelecer um diálogo constante com historiadores e especialistas de outras áreas de conhecimento. O trabalho de Naro aborda uma série de questões referentes a técnicas, como o processo de povoamento e a montagem de sistemas de produção em Vassoura e em Rio Bonito, além da configuração das grandes propriedades agrícolas, os mecanismos de exploração e controle utilizados pela classe senhorial, passando pela cultura do mundo dos escravos e a reestruturação das relações de trabalho após a emancipação. Ao debruçar-se sobre a cultura da população escrava, a autora realça a importância de costumes, tradições e práticas trazidas da África. Seguindo os passos de Stewart Schwartz, Robert Slenes, João José Reis e outros, Naro demonstra como este legado cultural permeava a linguagem, a estrutura familiar e o cotidiano dos escravos. Além de contribuir para forjar uma identidade própria entre os escravos, e estabelecer uma certa autonomia cultural frente às pressões das classes dominantes, a herança cultural africana acabou sendo utilizada pela própria classe senhorial com o intuito de manter a ordem em suas propriedades. Reconhecendo a forte autoridade exercida por escravos idosos de origem africana, os senhores lhes concediam privilégios

negados a outros cativos. Segundo Naro, estes escravos possibilitavam que fosse mantida uma relativa tranqüilidade nas fazendas. Para a autora, esta estabilidade e paz nas unidades de produção, por um lado, refletiam a autoridade exercida pelos velhos escravos africanos e, por outro, demonstram que esta autoridade foi um instrumento de controle e de ordem entre os cativos, tão ou mais eficaz que as normas patriarcais da classe senhorial.

Outro aspecto do livro que merece ser destacado é a forma como a autora aborda a questão da estruturação do cenário rural no Rio de Janeiro pós-abolição. Naro demonstra claramente que, apesar do fato de os ex-escravos não conseguirem livrar-se dos constrangimentos criados pelo complexo da plantation e dos laços de dependência para com a classe dos proprietários, eles não foram totalmente desprovidos da capacidade de fazer escolhas e exercer opções no intuito de melhorar suas vidas. Esta capacidade de gerenciar suas próprias vidas dependia de uma multiplicidade de fatores que, de acordo com a análise de Naro, variavam de região para região. Em Vassouras, por exemplo, a decadência da produção de café, acoplada à manipulação de terras por parte dos ex-senhores, serviu para impulsionar uma grande migração de ex-escravos para fora da região. Assim, a população não-branca de Vassouras sofreu um declínio de 22%, entre 1872 e 1890. Enquanto vários ex-escravos exerceram sua opção de migrar em busca de novas oportunidades econômicas na periferia da zona cafeeira ou nos novos centros industriais como Nova Friburgo, a maioria daqueles que permaneceram nas fazendas de café relutaram em trabalhar como assalariados e foram absorvidos como arrendatários e meeiros. Se Vassouras sofreu uma perda da sua população não-branca, o município de Rio Bonito testemunhou o contrário. O censo de 1890 registrou um aumento de quase 27% de sua população de não-brancos, comparado ao de 1872. Em face da disponibilidade de terra e sua proximidade dos mercados regionais, o município atraiu um grande número de ex-escravos, homens pobres e pequenos produtores em busca de oportunidades de ganho. Ao contrário de Vassouras, em Rio Bonito nem todos os contratos de arrendamento ou de parceria foram atrelados à obrigação de cultivar café. Em Rio Bonito, os ex-escravos incorporados nestes regimes de trabalho podiam exercer maior controle sobre a utilização e a produção da terra, bem como

sobre o ritmo de seu trabalho e o de seus familiares, embora a evidência recolhida por Naro indique que poucos ex-escravos da região conseguiram transformar-se em proprietários de terra. A sua nova situação não deixou de se constituir em um passo na direção do exercício de “liberdade”.

Para Naro, o cenário pós-abolição, em Rio Bonito, “se aproximava da emergência de um campesinato composto de diversas unidades familiares engajadas numa agricultura de semi-subsistência”. Mas a autora alerta que esta liberdade não deve ser confundida com a cidadania plena. O acesso à terra, mesmo em regiões como Rio Bonito, foi mediado pela classe de ex- senhores, de forma que o regime escravista acabou sendo substituído por um sistema de produção baseado em relações de dependência.

O trabalho de Nancy Priscilla Naro apresenta uma profunda análise do mundo escravista e do cenário rural do Rio de Janeiro pós-abolição. É fruto de rigorosa pesquisa nos diversos arquivos do Rio de Janeiro. Portanto, trata-se de importante adição ao crescente elenco de estudos sobre a diáspora africana, o regime escravista e o significado de liberdade para os ex-escravos no Brasil, após 1888.

Notas:

*Professor Adjunto PPGH, UFPE.

¹ REBECCA, J. Scott. “Exploring the Meaning of Freedom: Postemancipation Societies”. In: *Comparative Perspective, Hispanic American Historical Review*, 68:3 (Aug. 1988), 408.